

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1308	Redacção—Administração—Atelier de gravura Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	de entrega		
Portugal (franco de porte) m. forte	3\$800	1\$900	625	3	30 de Abril de 1915	Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto Largo de S. Roque, 11 e 12
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	675	3		
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	825	3		

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

## Inauguração do Centro Monarquico em Lisboa



ASPECTO DE UMA DAS GRANDES SALAS DA SESSÃO  
AO CENTRO, OS SRS. DUQUE DE PALMELLA, MELLO BREYNER E CONSELHEIRO AYRES D'ORNELLAS

### CRONICA OCCIDENTAL

A avaliar pelo numero crescente de illustrações — diarios, revistas, periodicos, — que vão surgindo a lume, dir-se-ia assistirmos a uma reflorescencia de letras e artes neste jardim á beira-mar plantado. Em verdade, quase tudo n'ol o indica — e ha quem se arrogue a coragem de affirmar-o e confirmar-o convictamente... Assim mês de março, mês de maio, começa de desabrochar toda uma primavera de literatura e arte e flôres neste rincão do extremo occidente — e é-nos infavelmente grato, agora, saudar o

regresso das andorinhas, tecer idilios ás rosas e reverenciar os moços artistas e literatos moços que formam cauda no cortejo do tempo.

Sómente, um facto pode mover-nos a hesitações: é que a primavera, tão caprichosa sempre, assumiu, este anno, requintes raros de perversidade, tornou-se a mais não ser, volubilissima, e toma dia a dia, *déguisements* que iludem os seus mais dilectos e cautos admiradores. Fez-se esperar como uma prima-dona de barraquinha em feira franca, sorri langue, finge de amuada, desaparece de subito e esquiva-se a convivencia. Umas vezes, tem caricias que nos deliciam docemente, em extase — e a sua respira-

ção meiga é hálito de jasmims. Outras vezes, os seus olhares são lumes vivos que nos hipnotisam irresistivelmente num desanimo de calmaria — e a sua respiração parece um refolegar e esbaforir das forjas de Vulcano. Muito frequentemente, ainda, toma das mãos já frias do inverno azorrague da chuva, e zurze-nos implacavelmente até deixar nos em frangalhos e lama.

Agora, mesmo, neste momento em que xadrezámos com longanimidade as palavras da cronica, chove torrencialmente e assim a primavera tão cantada dos poetas da Arcadia e desejada do sr. Alfredo Pinto (Sacavem), está usando de impiedades que nem o merito *borda*

d'agua, sr. Pimenta de Castro, seria capaz de futurar...

Neste caso, será propicia já a ocasião de festejar este renascimento de literatura e arte e flôres que se esboçou de pronto por lezírias, vales e montes de Portugal?...

Neste caso, será propicia já a ocasião de festejar o retorno da primavera, e os môços artistas e literatos môços que puxam ao seu carrocim denodadamente?...

Parece que não. E' certo — o senhor José Maria de Alpoim, prósista de pulso e politico em disponibilidade, já entou lôas á mocidade e a Maio florido, nas colunas dum jornal tripeiro. A esta hora, deve confessar-se, de si para si, arrependido.

Ao dobrar dos sessenta, tem-se o direito de sêr gordo, fenomenalmente gordo até, mas jamais o de se renunciar á experiencia duma vida longa de combate. Por vezes, s. ex.<sup>a</sup>, sensibiliza-se e acaricia de leve os bebês roseos da literatura e politica e chega a oferecer-lhes o biberon da sua excelente biblioteca, — e os petizes fazem-lhe, então, visagens de respeito e agrado, olhando-o de rés-vés e esmordicando a ponta da lingua ironicamente. Tambem, s. ex.<sup>a</sup> é rabugento e sofre impetos de mau genio e dá-lhes que dá-lhes de açoites — e afinal não se envergonha de ir limpar, ao depois, as mãos, nas folhas das gazetas.

O senhor José Maria celebrou as graças de Maio...

A um padecente de gôta, reconhece-se o direito de ser gôdo, fenomenalmente gordo até, mas impõe-se-lhe tambem a obrigação de ser um barômetro vivo. Se não — aventura-se a caminhar sempre a reboque e a remoque dos tempos.

Renunciamos, pois, hoje a reverenciar em festa a volta da primavera e os môços artistas e literatos môços que formam cauda no seu cortejo.

Permitem que lhes diga?

Não acreditamos ainda numa refflorescencia de artes e letras neste jardim á beira mar plantado.

Inclinamo-nos, porém, a supôr que, se vem uma trovada mais forte, todos os môços literatos e todos os artistas môços, irão parar, lá-baixo, de enxurrada, nos limos fundos do Tejo.

ANTONIO COBEIRA.

## Folhas soltas

### A Cavallaria Rusticana de Verga

Como já não temos a *Cavallaria Rusticana*, em S. Carlos, matizada com a musica de Mascagni, noites de boa musica que não sabemos quando voltarão, tivemos em compensação, na festa do secretario da empresa, o drama de Verga, sendo a parte de *Santuzza* representada pela distincta actriz Angela Pinto.

Giovanni Verga é um escriptor que se tem imposto pela forma original como apresenta as suas obras litterarias, todas ellas fundadas em um realismo regional. Ha quem o compare a Flaubert e a Maupassant, mas Verga é um analysta talvez muito mais audacioso, e a prova está que só mais tarde apoz o appareci-

mento da sua obra é que o povo italiano começou a ver que a forma de Verga, o seu estylo, a sua critica de costumes, apresentavam um collorido de verdade deveras suggestiva.

Quem ler o seu volume de contos *A vida nos campos*, onde existem narrativas que foram postas nos palcos dos theatros, poderá analysar quanto Giovanni Verga pintou atravez da prosa, os costumes da gente humilde em toda a gâmma das paixões, de luctas e até de crimes.

Profundo investigador, antes de escrever, recolheu com um cuidadoso estudo as canções nascidas na alma popular, os dialogos rusticos, os proverbios. No romance *Malaraglia*, vivemos em uma familia de pescadores, o meio social é outro, mas com que enorme grandeza trata o assumpto o notavel escriptor!

Ora o seu conto *Cavallaria Rusticana*, como a sua peça *A caça do lobo*, são trabalhos de grande tenção dramatica que necessitam artistas de temperamento.

A primeira vez que vi representada em portuguez a *Cavallaria* foi agora, e francamente dizemos que o trabalho de Angela Pinto no papel da ciumenta *Santuzza* nos agradou por completo.

Angela Pinto poz no seu papel, toda a escala do amor, que vai crescendo minado pela paixão e pelo ciume.

Em todas as scenas, Angela Pinto foi notavel não perdendo o mais pequeno detalhe.

Angela Pinto na *Cavallaria Rusticana*, foi um autentico acontecimento artistico, n'estes ultimos tempos onde nos palcos portuguezes apparecem, como dizer? tantas... ninharias.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

## CURIOSIDADES

Se houvesse guerra...

Em fins de verão de 1911, a revista franceza «*Les Annales*» publicava uma série de artigos do tenente-coronel Rousset, o historiador de 1870. Julgamos curioso transcrever algumas linhas dêsse estudo notavel, onde ha muita verdade, muita clarividencia, e aqui e além um boccadinho de ironia. Vem a proposito dizer-se que pouco antes, em julho, o governo francês convidou para o Alto Commando o illustre general Pau; mas o nobre mutilado, vendo-se a dois passos da reserva, não quiz acceitar a chefia do exercito, indicando o generalissimo Joffre que por sua vèz escolheu para Chefe do Estado-Maior o general de Castelnau.

«A guerra de 1870 foi uma pancada de clava, que nos atordoou de tal maneira, que perdemos, algum tempo, a visão clara das realidades e dos factos. Foi o número que nos afogou, disseram. Foi a superioridade da artilharia, que nos venceu.

E deante de verificações tão nitidas, que representavam as sentenças do destino curvamos a fronte, como pessoas acabrunhadas sob o peso duma incrível fatalidade...

A primeira coisa a fazer, para se poder

fixar confiadamente o destino, era dar portanto uma doutrina de guerra ao exercito francês, que a não tinha. Era preciso dar-lhes commandantes, não só conscientes das suas responsabilidades e do peso da sua tarefa, mas que estivessem tambem moral e intellectualmente á altura de a cumprir.

Isto não é para dizer, entretanto, que se a guerra estalasse, nós não nos encontraríamos, ao menos a principio, numa situação bem delicada. Esta guerra não a teríamos procurado, tê-la-hiamos sofrido.

E' claro que pela situação politica a Alemanha tem o beneficio da offensiva e mesmo, se o quizer duma offensiva brusca. Ella (a manobra do exercito allemão) consiste no seu conjuncto em operar, ab ovo com a massa principal, um movimento de flanco sobre a nossa ala esquerda, ao norte de Verdun, mesmo violando sem vergonha a neutralidade da Belgica, depois em desenhar um vigoroso ataque de frente por entre Toul e Epinal.

Eis a questão sob o ponto de vista militar. Mas ha tambem o lado moral que tem a sua importancia, e eu aposto que os allemães não deixam de pensar nisso, quando preparam uma tão complicada e temerária operação. Elles imaginam provavelmente que a brusca irrupção na Champagne duma massa consideravel arremessada contra Paris, e lançando ao longe alguns caudales, que semeariam deante della o terrôr e o espanto, equivaleria para elles a um primeiro successo. Elles querem tomar por auxiliares a desmoralização e o panico, que se haviam de apoderar — ao menos assim o julgam — duma população desvaída só com o pensamento que os nossos fortes de leste foram torneados e as nossas forças commetidas pela retaguarda e flanco, ao mesmo tempo.

Elles contam com o nosso caracter impressionavel, com a tendencia um pouco excessiva que nós temos em queixar-nos dos traidores, com o opportuno concurso dos anarchistas e dos sem patria, com muitas outras coisas ainda...

Já o disse: o nosso estado politico impede-nos de tomar a offensiva das operações. Esta iniciativa, ao contrario, somos obrigados a supportá-la, ao passo que os nossos adversarios tem todas as possibilidades e tambem todas as razões de a tomar, embora só com o fim de paralyzar a boa-vontade dos nossos amigos ou alliados.

O armamento dos nossos vizinhos é poderoso. Apoia-se dum lado sobre o numero, do outro lado sobre uma adaptação firmissima dos meios para alcançar um termo definido, que é a guerra contra a França.

Governado por uma mão segura, enquadrado em regras precisas e quasi immutaveis, o exercito allemão, onde nunca entrou a politica, constitue um organismo temeroso, exclusivamente constituído contra nós. Beneficia do augmento da população nacional, que lhe permite assegurar muito largamente os seus serviços, e em seguida fazer nos seus contingentes uma selecção, que afasta os individuos em condição inferior. Possui um machinismo muito variado e muito rico. Os seus chefes são energicos e vigorosos. Emfim, exaltado pela recordação das antigas victorias, elle professa o culto da offensiva, que foi, em verdade, o factor preponderante d'ellas.

# Galeria do «Occidente»



Extraviados do Rebanho

Quadro de Tomaz da Anunciação—Gravura em madeira de J. Pedroso



O SR. DR. HYPOLITO RAPOSO REALIZA A SUA CONFERENCIA NO SALÃO NOBRE DA LIGA NAVAL TENDO, AO SEU LADO, AS DISTINTAS ATRIZES, MARINA RODRIGUES E BEATRIZ D'ALMEIDA

## Lingua e Arte dos Povos DA Peninsula Iberica (EXCERTO)

*No precedente numero desta Revista, referimo-nos á serie de conferencias que o grupo dos Integralistas Lusitanos vêm promovendo com exito no salão nobre da Liga Naval. Cumore nos agora noticiar o successo notavel que o nosso amigo, sr. dr. Hippolyto Raposo ali obteve, dta 21 de Abril, dissertando proficientemente e brilhantemente, ante uma assistencia escolhidissima, acerca da Lingua e Arte dos povos da Peninsula Iberica. Para confirmação das nossas justas palavras, temos a honra de transcrever uma parte da sua eloquente conferencia.*

.....  
Em Hespanha, a epopeia é a primeira tendencia que marca a fisionomia intellectual e afectiva do povo; em Portugal é o lirismo, a poesia subjectiva, em lamentos doridos, a *gran coyta do coração* que ficou gemendo eternamente na letra confusa dos codices medievais.

O nosso lirismo toma a forma bucolica pelo sentimento da contemplação, tão proprio de uma indole scismarenta e melancolica, essa sensibilidade de criança que todos temos e que já tivera o infante que depois seria D. Afonso IV, para mandar cortar no romance *Amadis de Gaula*, algumas passagens de crueldade para com a donzela Briolanjá.

E' ainda o lirismo nacional que na forma regular dos autos vive na obra grandiosa de Gil Vicente, quando cria a *Mofina Mendes* e o *Auto Pastoril-Português*.

O mais imperfeito conhecimento da nossa historia literaria, denuncia ao primeiro aspecto uma verdade triste que não reconheço vantagem em disfarçar: a pobreza do nosso teatro.

Desde o momento em que esta forma literaria alcançou em Portugal a consagração dos escritores, subindo das naves e adros das igrejas para os salões dos reis e dos nobres, num ciclo bem amplo de quatro seculos, as letras portuguezas foram honradas por nomes famosos na historia, na poesia, no romance, nas viagens, mas, para citarmos duas exce-

ções, temos de saltar de Gil Vicente a Garrett e esperar o terceiro escritor dramatico a quem vamos pedir a certeza de uma continuidade tradicional que garantisse fóros de nobreza ao teatro ao lado dos outros generos literarios.

Qual será a causa desta grande deficiencia?

Nós que em tres seculos de ambição e do ninio, por conquistas e descobrimentos, fomos, na verdade, um povo de acção, cobrindo com lagrimas de tragedia a terra que era nossa; que soubemos ser donos de homens e sofrer a servidão; nós que somos o povo que melhor sabe chorar, que temos o coração á flor dos labios e sempre na alma a nodoa do luto pela dor do nosso vizinho: este povo sensível, amovível, todo extremos nos seus lances, não tem tido no teatro a expressão da sua vida.

Por outras palavras, o teatro português não é um aspecto particular do nosso modo de ser literario, uma função reveladora da nossa tendencia, em que a indole, a raça, a lingua, a violencia, a doçura, o sangue e as lagrimas, as crenças e as superstições, todas as ideias e sentimentos que se fundem para o caracter de um povo — tenham expressão de realidade.

A mais verdadeira interpretação de Gil Vicente é a que o reputa, embora na forma dramatica, como dos mais altos poetas liricos de Portugal.

Criou a sua fantasia uma vasta gale-

ria de figuras bem portuguezas e verdadeiras, mas em toda a sua obra, quarenta e tantas produções conhecidas, falta o conflito dos caracteres, aquilo que na verdade constitue o drama ou a comedia.

Gil Vicente um dos quinhentistas a quem mais deve o nosso amor de portuguezes, não fez escola digna da sua iniciativa. Antonio Ferreira escritor de plena Renascença, só pôde prender-se a terra em que nasceu por escolher para motivo de uma tragedia classica, um assunto da nossa Idade Media, a morte de D. Inês, e de ter intencionalmente empregado nas suas obras sempre a lingua portuguesa.

Quando nos surpreende a rapida decadencia do nosso teatro e dos outros generos literarios de Quinhentos, nos aprendemos nas escolas a atribuir a causa de todos os males á influencia nefasta (é este o adjectivo) da Inquisição e dos Jesuitas.

Este processo, revelador de uma deploravel deficiencia critica, aproveitado tantas vezes com intuitos sectarios e odientos, simplifica a questão e evita o honesto trabalho de uma análise justa e verdadeira.

Abstraiamos da Inquisição e dos Jesuitas, quer dizer, suprimamos estes dois chamados elementos ou factores de decadencia literaria e compreenderemos facilmente que, sem eles, nossa ruina era inevitavel. No ponto de vista este-

tico, a acção dos jesuitas pelo seu excessivo intellectualismo foi nula em toda a parte e muito mais em Portugal.

A propria grandeza era a decadencia. Que destino poderia esperar um povo de pouco mais de um milhão de habitantes, que tinha por senhorio uma esfera terrestre e que pela aventura e pelo dever, abalava da ribeira de Lisboa nas armadas de guerra ou de commercio, abandonando os arados e as enxadas sobre a terra inculca?

O Velho do Restelo tinha razão: ele era um simbolo, uma profecia da ruina que nós hoje contemplamos. A sua figura que Camões ergue na praia, era o Portugal do esforço obscuro que tinha erguido as aspirações e provocado o florescimento de uma patria, o povo mourejador dos agricultores, pastores e pescadores — os *homens bons dos concelhos* que conheceram o repouso sagrado dos dias de trabalho e o estremecimento heroico da hora da abalada para a defesa dos lares e dos tumulos ameaçados.

Não foi a Inquisição nem foram os jesuitas que diabolicamente trouxeram a ruina da Patria e da Literatura que é a sua voz.

Os indices expurgatorios que tantas vezes fazem saudades nos dias de hoje, a opressão, o sectarismo religioso, traduzindo a definição da unidade e força do Catholicismo post-tridentino, são antes concretizações de juizos pouco conscientes do que as causas verdadeiras de um destino inevitavel.

Querem V. Ex.<sup>as</sup> a prova? Intolerancia, maior ainda, houve-a em Espanha, onde a inquisição, a serviço de uma feroz politica de imperialismo, causou um numero de victimas proporcionalmente superior ao dos nossos tres ou quatro tribunais — e foi justamente esse seculo, *el siglo de oro* da literatura e da arte espanhola.

E foi a luz vermelha dos *autos de fé*, como diria qualquer liberalista de coração sensível, que Lope de Vega, Calderon de la Barca, Tirso de Molina e Cervantes escreveriam as eternas paginas que dão gloria á Espanha.

E já que chegámos aqui, não me dispense de assinar essa característica da literatura castelhana — a abundancia e excellencia do seu teatro, em todas as épocas da sua historia literaria, enquanto como já notei, o nosso teatro é episódico, sem continuidade tradicional, incaracteristico porque aceita sempre a lição estrangeira. Bem sabem V. Ex.<sup>as</sup> que não temos teatro de costumes, nem comedias de caracteres, nem tragedias violentas. E' a indole lirica a dominar sempre, a impôr em todas as peças o episodio amoroso. As maiores tempestades domesticas podem terminar num beijo ou na intervenção amiga de qualquer conhecido ou parente. Mesmo nos bairros de vicio, raro é o fadista que mata a amante e não chora quando vê ensanguentada a folha da navalha.

Neste momento, o nosso teatro reduz-se ao esforço isolado de dois ou tres cultores. Mas vive fóra de nós, desorbitado de uma intenção nacional que o vivifique.

Em Espanha ele está florescente, é a mais alta afirmação da sua vitalidade intellectual e os seus dramaturgos afiguram-se os maiores do mundo.

Entre nós, a vida de teatro é uma mi-

seria, uma especie de feira da ladra das letras, um grande balcão á volta onde trabalha o homem de negocios que é o empresario e a quem a gente compra o direito de se divertir e de mostrar os fatos novos á assembleia, a pretexto de ouvir uma coisa traduzida de França, por qualquer jornalista analfabeto.

Se do teatro passamos á epopeia, não é licito opôr os nossos *Lusiadas* á carencia desse genero em Espanha.

Os castelhanos tiveram epopeia quando a deviam ter, no ciclo de formação da sua nacionalidade. A idade heroica tinha passado quando a Renascença veio, e o grande livro de Camões é a expressão cosmopolita de uma acção que nós realizavamos, mas que pertencia ao mundo inteiro.

A nossa acção nos descobrimentos não intensificou o espirito nacional, nem ordenou as energias em ordem a um grande destino dentro dos limites europeus. Ao contrario, o vôo da alma portugueza por outros climas e latitudes produziu-lhe o cansaço de que agora não podemos refazer-nos.

Os *Lusiadas* são uma epopeia, a maior das epopeias modernas com motivação e antecedentes nas eras classicas, que nunca foi o cantico da Raça, tendo ficado inacessivel como elemento literario, á compreensão do povo.

Os traços que esbocei parece-me autorizarem a afirmação de que, na formação das respectivas linguas e nos caracteres das suas literaturas Espanha e Portugal se revelam com fisionomias proprias, com indole e sentimentos diversos e portanto com sentidos inconfundiveis, capazes de nos dar algumas razões para a individualidade politica que aqui estamos defendendo.

E para amar a nossa lingua, das mais ricas e belas que existem, que cada manhã nos canta na musica suavissima dos pregões, lembremo-nos de que por ela nos podemos fazer entender nas cinco partes do mundo aonde chegou a nossa audacia e o nosso dominio, como diz o velho Duarte Nunes de Leão: «E manifesto he que como entre todas as nações que no mudo ha, nenhuma se alógou tanto da sua terra natural, como a nação Portugueza, pois sendo do ultimo occidente, & derradeira parte do mudo, onde (como Plinio diz) os elementos da terra, agoa, e ar, fazem sua demarcação, penetrarão tudo o que o mar Oceano cerca, & comsigo levaram sua lingua», (Origem da Ling. Port.).

E onde quer que a nossa lingua se fale, nos dialectos crioulos ou nas grandes cidades da America, em todos os povos e latitudes, a alma da Patria tem nela a sua voz e enquanto para a falar houver um portuguez, Portugal não morrera!

HIPPOLYTO RAPOSO.



## PELO MUNDO FÓRA

A guerra continua o seu cortejo de horrores, sem attingir essa phase decisiva, que os alliados annunciaram para a primavera e que agora se diz devera ser em Maio ou Junho.

Julgaram muitos que os combates de *Neuve-Chapelle*, que custaram só aos in-

giêses cerca de 12.000 vidas, seria um passo para o avanço dos alliados a oeste, mas ao que parece espera-se que a Russia dê começo ao seu grande ataque contra a Allemanha...

De vez em quando annunciavam-se de parte a parte ataques formidaveis que vão decidir a tremenda lucta. Logo ao principio os allemães declararam a sua entrada imminente em Paris, a tomada de *Verdun* e de *Varsovia*; a occupação de *Calais* e a invasão aerea de *Londres*...

Os alliados, por seu turno, alardearam pomposas façanhas... Era o colossal cylindro russo que rolaria ovante por essa Europa fora, esmagando tudo na sua passagem e chegando triumphante á capital germanica em meados de Setembro... Os formidaveis cossacos nem invadiram Berlim nem a Hungria, e a queda de *Przemysl*, que incontestavelmente foi uma grande victoria para os exercitos do «Czar», não constituiu a parte principal para a passagem dos *Carpathos*, bem difficil de roer... A passagem dos Dardanellos, que se dizia empreza facil e rapida, fazen-to se a entrada em Constantinopla ainda antes da *Paschoa*, continua a ser um problema assaz complicado, senão impossivel.

O mesmo succede com respeito ás intervenções, dadas dezenas de vezes por imminentes, da Italia, da Rumania, da Bulgaria, da Grecia...

Do que não resta duvida é que se matam muitos milhares d'homens por dia; só a Allemanha, á sua parte, perde mais de 200.000 homens por mês!

Os prisioneiros sommam tambem muitos milhares. A Allemanha, contava em 1 d'Abril: russos, 5140 officiaes e 504.210 praças; francezes, 3868 officiaes e 238.406 praças; belgas, 647 officiaes e 30.620 praças; inglezes, 520 officiaes e 20.307 praças.

Na frente occidental combate-se encarnadamente, sobretudo no *Yser*. A linha de combate estende-se de *Nieuport* a *Dixmude*, *Ypres*, *Armentières*, *Arras*, *Soissons*, *Berny au Bac*, *Rims*, *Perthes*, *Beauséjour*, *Verdun*, *Pont a Mousson*, *Blamont*, *Lenones*, *St. Dié* e *Althirch*.

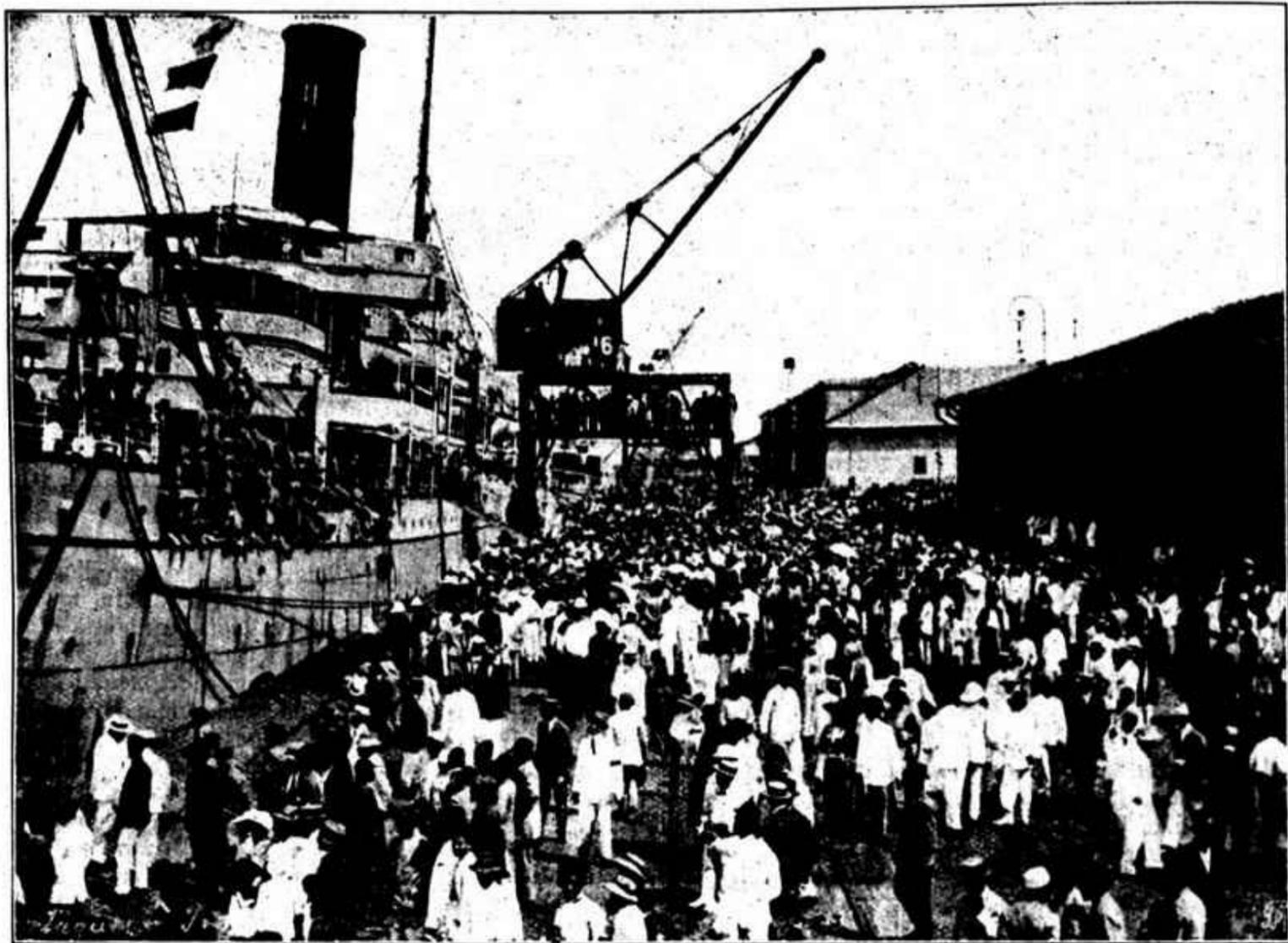
Nos *Carpathos* os russos apoderaram-se das alturas de *Telepoca* e *Zuella*, e repellem ataques allemães em *Rastoki* e *Stryi*.

*Hindenburg* desenvolve grande actividade em *Var-ovia*, com o fim de distrahir as atenções dos russos dos *Carpathos*. Os allemães bateram-se encarnadamente em *Ossoviecz* e em redor de *Mlava*, havendo muitos prisioneiros de parte a parte. Na *Bzura* tambem se tem luctado com denodo. O «Czar» esteve na frente da batalha.

Nos *Carpathos* o marechal *Hindenburgs* conferenciou com o *archiduque Frederico*, generalissimo austriaco, e com o chefe do Estado Maior general *Conrado von Haetendorf*.

A Austria Hungria começa a sentir a fome. Em *Trieste* e *Trento* ha tumultos por causa da falta de pão. O governo chama ás fileiras todos os individuos entre os 18 e os 50 annos.

Em *Vienna* organisou se uma procissão pelos felizes resultados da guerra, com a assistencia do cardeal *Piffe*, de muitas associações catholicas e de mais de 30.000 pessoas. O Papa tem continuado a trabalhar a favor da paz, tendo-se trocado cartas entre o herdeiro do



EXPEDIÇÃO MILITAR PORTUGUESA — Desembarque de tropas em Lourenço Marques



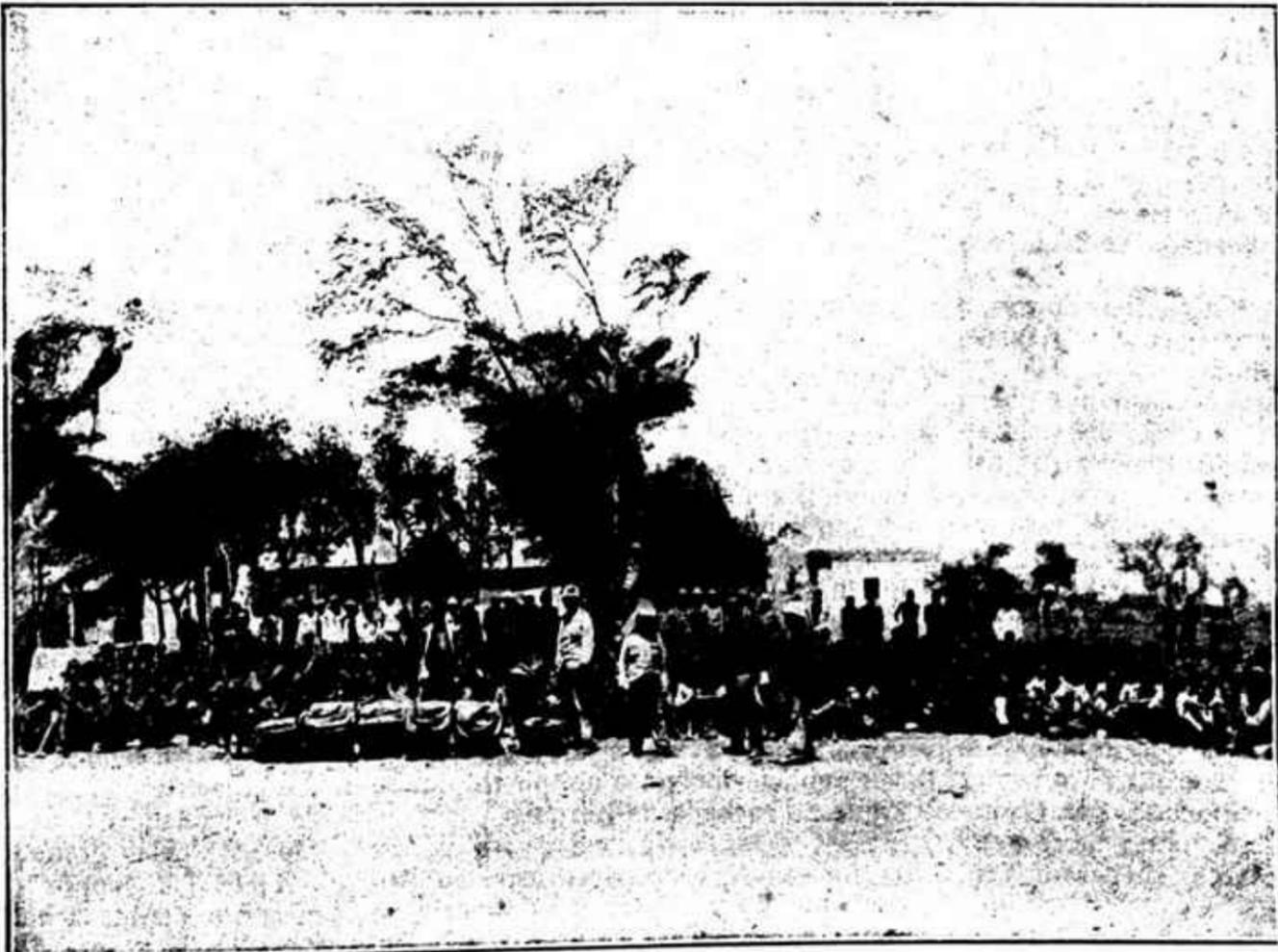
EXPEDIÇÃO MILITAR PORTUGUESA — Secção de Engenharia — Estação Central do quartel general

*(Cliches do sr. Terente Reis)*

EUROPEIA



EXPEDIÇÃO MILITAR PORTUGUESA — Instrução Militar de cipaes



EXPEDIÇÃO MILITAR PORTUGUESA — Distribuição de milho a serviços

*(Clichés do sr. Tenente Reis)*

throno de S. Pedro e o imperador Francisco José. Benedicto XV manifesta constantemente o seu interesse pela reconstituição da Belgica.

O fabrico de munições de guerra é hoje uma grande industria para a America do Norte, que abastece os belligerantes. Ha dias estavam no porto de New-York 16 navios com material de guerra para Inglaterra. Diz-se que a Associação dos Operarios norte americanos, que conta 300.000 socios, precunisa a grêve geral para se impedir a remessa de material. Será mais uma victoria alemã...

Na Inglaterra trabalham actualmente muitos milhares de mulheres no fabrico de munições e uniformes, no commercio e em serviços de campo, para o que se offereceram espontaneamente ao governo, afim de facilitar o alistamento de voluntarios.

O govono francês vae chamar ás fileiras os funcionarios publicos que estejam em condições de pegar em armas.

No mar continua a perseguição de navios ingleses pelos submarinos allemães. A lista dos perdidos regista cerca de 180, afundados desde o começo da guerra.

*Churchil e Augagneur*, ministros da guerra inglês e francês conferenciam e estudam o novo plano do forçamento dos Dardanellos. As tropas alliadas conseguiram já um desembarque nas duas margens do estreito, tendo por objectivo principal o ataque a *Khum-Kale*, na costa asiatica.

Os ingleses estão prestes a occupar, além de *Lemuos, Imbros, Tenedos*, tambem *Mytileno e Chios*. Entre os navios ingleses afundados recentemente destaca-se o transporte «*Maniton*», torpedeado pelos turcos, com cerca de 100 victimas.

No mar Negro registam-se tambem perdas novas entre russos e turcos.

Um couraçado inglês bombardeia *Kidd-Bahr*, nos Dardanelos. O torpedeiro «*E 15*», tendo completado um reconhecimento no campo de *Kepnos*, no estreito, foi a pique. Foram tambem avariados os navios ingleses «*Renard*» e «*London*». O couraçado «*Inflexible*», está em concerto que levará mais de seis meses, pois apanhou mais de 200 furos na couraça.

A guerra no ar tem continuado com a mesma furia, havendo perdas a registar nos dois campos inimigos.

As ultimas notícias dizem nos que a Grecia offerece a sua cooperação aos aliados, que os allemães tomaram a posição de *Saint-Julien*, a leste de *Ipres*, que a esquadra russa bombardeou as fortalezas do *Bosphoro*, que os allemães mandaram para os Dardanellos muitos officiaes e tres aeroplanos, e que o principe *Eitel da Prussia* chegou a Constantinopla.

Deve registar-se o repatriamento de 95 indios portuguezes que trobalhavam nos barcos austriacos e que ao rebentar a guerra foram aprisionados pelas autoridades austriacas. Sahiram de *Trieste* para *Bombaim*, onde chegaram sem maior novidade.

Os «*zeppelins*» appareceram outra vez em Inglaterra no dia 14 do corrente. *Blyth*, povoação do littoral inglês, que conta 6:000 habitantes e está situada a

20 kilometros de *Newcastle*, foi surpreendida pela visita d'um famoso dirigivel allemão, que passou pelas aldeias de *Bedlington, Cramlington, Choffington, Laton Delaval, Anniteford, Laton Burne e Kilingsworth*, lançando bombas que que causaram alguns incendios. O «*zeppelin*» passou por *Vallsend*, atravessou o *Tynt, Hebburn e South Shields*. Duas das bombas lançadas do «*zeppelin*» perto de *Vallsend* eram constituídas por um recipiente conico de aço, de 0<sup>m</sup>,20 de diametro por 0<sup>m</sup>,45 de altura. Ambas eram providas d'um envolvero de estopa alcatroada.

O primeiro «*raid*» de «*zeppelins*» sobre a Inglaterra effectuou-se, como já se disse, em 19 de janeiro ultimo, em que varios dirigiveis atacaram a costa de *Norfolk* e evolucionaram sobre *Yarmouth, Crower, Sheringam e King's Lynn*, onde lançaram varias bombas que causaram a morte de quatro pessoas e ferindo nove. O ponto de partida dos «*zeppelins*» foi *Cuxhaven*, estação principal de aeronautica naval allemã, onde estão situados os alpendres dos «*zeppelins*» de marinha.

No primeiro «*raid*» os allemães penetraram na Inglaterra por *Yarmouth*, que está a 260 milhas de *Cuxhaven*. Na segunda incursão entraram por *Newcastle on Tyne*, situado a 368 milhas d'aquelle porto allemão. A ultima prova foi pois mais importante para os «*zeppelins*» que a anterior.

E' muito provavel que ao proporem-se os dirigiveis a atacar a mais larga distancia a costa inglesa, tratassem de expôr-se aos menores riscos possiveis, porquanto, como se sabe, o movimento de barcos é menor em frente da costa de *Northumberland* do que na parte mais estreita do mar do Norte, ainda que, de todos os modos, no alto mar, os «*zeppelins*» teem menos probabilidades de serem descobertos e atacados pelos navios de guerra, que lhes são inferiores em velocidade.

A defesa dos portos contra os «*zeppelins*» apresenta grandes difficuldades, pois que é sempre facil illudir a vigilancia, embora esta seja muito rigorosa.

Façamos uma breve resenha das localidades ultimamente invadidas pelos «*zeppelins*».

*Newcastle on Tyne*, situado a 435 kilom. a N. N. O de *Londres*. A sua população é de 266.671 almas; é a capital de *Northumberland*, e mantem importante commercio maritimo.

*Blyth*, tambem na costa de *Northumberland*, a 453 kilom. de *Londres* e com 23.500 habitantes.

*Cramlington*, povoação de 5.967 habitantes.

*Lowestolf*, a cidade mais oriental do Reino Unido. E' um dos mais importantes portos de pesca e praia de luxo. A sua população attinge 29.842 habitantes. Possui monumentos historicos e um museu publico, molhes e um pharol que se ergue no rochedo de *Levante*.

*Faversham*, antiga cidade inglesa, de 11.290 habitantes e pertencente ao condado de *Kent*. Na formosa abbadia do seu nome jazem os restos do rei *Sty-shen*, de sua esposa e do filho *Tustace*.

*Sittinbound*, tambem do condado de *Kent*, é cidade muito visitada pelos peregrinos que se dirigem a *Cauterbury*, e pelos soberanos, quando partem para

o continente. Possui muitas fabricas de ladrilhos.

*Maldon*, povoação a este de *Inglaterra*, na linha de *Southend* a *Shenfield*. Tem pouca importancia bem como *Southwold, Blackwater e Sheerness*.

Apraz-nos registar n'estas columnas uma bella conferencia feita na nossa *Sociedade de Geographia* pelo douto professor *Mr. Maurice Wilmotte*, da Universidade de *Liege* e ultimamente aggregado á *Sorbonne*. O illustre professor percorreu já varios paizes no intuito de fazer propaganda da sua nação tão cruelmente esmagada pela guerra actual.

*Mr. Wilmotte* esboçou ligeiramente a historia da Belgica, que atravez dos seculos tem sempre pugnado pela causa da liberdade. A Belgica foi declarada nação independente e perpetuamente neutral pelo *Congresso de Londres*, ratificado em *Berlim*.

Alludiu aos tres periodos da cultura allemã, o ultimo dos quaes — a *Allemanha* grande nação — se baseia apenas no principio da força.

O soldado allemão não pode ser responsavel pelos actos de vandalismo que os exercitos do *kaiser* teem praticado, mormente na Belgica. O soldado allemão não é peor do que os soldados das outras nações. Os culpados das atrocidades commettidas são os dirigentes que, sob o imperio de coacção levam as tropas as maiores barbaridades.

O conferente terminou o seu trabalho expondo interessantes e horripilantes photographias documentando os destroços causados pela metralha teutonica nos rendilhados e grandiosos monumentos da Belgica, tão punjentemente ferida, por querer defender a sua reconhecida neutralidade.

O ataque aos *Dardanellos* tem sido demorado, dizendo se que brevemente vae tomar uma phase decisiva. Chegaram já novos couraçados para substituir os que foram avariados pelas minas ou pelos projecteis dos turcos. O «*Henri IV*» e o «*Jaureguiberry*» foram os primeiros a chegar; depois foram os ingleses «*The Queen*», *The London* e «*The Prince of Wales*». Estão pois preenchidas as vagas. As duas esquadras aguardam a ordem de marcha.

Parece que se vae modificar o plano primitivo, que bastantes perdas causou, sem resultado apreciavel, pois que os turcos puderam aproveitar-se da inactividade dos aliados, devido ao mau tempo, para remediar em parte o mal que haviam soffrido. Conseguiram installar canhões na maior parte dos fortes destruidos pela artilharia anglo-francêsa, especialmente nos de *Kum-Kale* e *Sedul-Bahr*, que haviam sido completamente arrasados. Extensas filas de camêlos conduziram este material pesado, e milhares de trabalhadores repararam os danos causados pelas granadas inimigas.

Tudo faz suppôr que, quando recommear o ataque a valer contra os *Dardanellos*, as tropas de desembarque cooperarão com a esquadra. Essas tropas estão ás ordens do general francês *Amale* e do inglês *Hamilton*.

## Da Grande Guerra

## Na Alsacia

Era em setembro. Poucas novas chegavam de Paris, e essas muito más... O galhardo exercito francês batia sempre em retirada...

Só havia uma esperança: as fortificações da Capital. A sombra dellas o generalissimo — dizia-se — ia tentar o derradeiro esforço. Questão de pouco... uns dias mais... e acabou-se.

Ja ninguem queria saber da Alsacia. Estava em primeiro lugar o coração da França.

No *village*, quando se soube da guerra, fôra uma debandada geral. Os allemães ainda poderam incorporar na fileira os mais tardios, e prendêr e fusilar os mais resistentes.

Mas a flôr dos rapazes, á custa de esforços inauditos, conseguiram passar a fronteira de Oeste. E assim ficara o povoado ao abandono. Só velhos e creanças...

Adejava um silencio de morte pelas ruas desertas. O *village* transformára-se numa Pompeia desolada — como um grande cemitério, perdido no êrmo... Augmentava a oppressão a cada nova má E era sempre triste a mensagem, que vinha de além dos Vosges...

Um dia para o lado das montanhas sentiu-se um longo ruido abatado e sotúrno. A aldeia agitou-se num calefrio.

Trovões ao longe... a voz de Deus ralhando...



GENERAL PAU

que não aceitou o cargo de generalissimo em 1911, indicando para a chefia o generalissimo Joffre

Combatia se perto. Era a artilharia nos desfiladeiros trovejando cóleras. Sombras gigantes de uhlânos precipitavam-se numa furiosa vertigem. Vozes roucas de commando, gritos, cortavam de espaço a espaço a violencia da fusilaria. Os clarins retiniam á carga. E a *Marselhesa* crescia, como uma forte maré, em notas vigorosas de triumpho...

Olha como os uhlânos fogem... Nunca os «*piou-piou*» carregaram assim — a não ser nos ataques desesperados de Ney sobre o *plateau* fatidico do Mont Saint-Jean, em Waterloo.

Pouco depois o rejimento francês entrava na aldeia alsaciana. Tantos feridos, meu Deus! Um delles é o Francisco, o mais valente mocetão da serra. Cobrelhe o peito valoroso a medalha militar.

Pouca esperança de o salvar... Os cirurgiões meneiam a cabeça... A mãe, santa velhinha, esperava-o em casa ha tanto tempo... Diz-lhe o coração que elle ha-de voltar um dia... E o coração não mente.

Elle ahi está... pobre farrápo humano... agonisante.

Mãe e filho encontram-se. Era tempo.

O heroe condecorado com a suprême distincção da França exála o ultimo suspiro... e fica-se deitado — sereno como um justo, a fronte gloriosa requeimada pelo sol das batalhas... a dormir o derradeiro somno...

Paris, 20 de abril de 1914.

BERTRAND DE MONTROSE

## ROMANCE

M Dellyne

## A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Sim, seriam terriveis, se hontem não tivesse uma revelação do bom padre Joaldy, que me tirou um grande peso do meu peito. Decidi-me immediatamente a partir com tencão de passar em familia esta festa do Natal. Mas chegando encontro um vestibulo mal illuminado e não encontro os creados. Toco, ninguem me apparece, somente apoz algum tempo vejo estes. A ausencia de minha mãe, fa-los andar bem *descançados*.

— E' preciso ser indulgente hoje, meu primo, e a vespera de Natal, disse dôcemente Myrto.

— Perdoarei por esta vez... olhe. Se restely vá arranjar o meu quarto, disse elle para o creado que estava com respeito a porta da sala com a mão na mão.

O principe tirou o grande casaco e entregou-o ao creado.

— Então ficou sósinha aqui, Myrto?!

— Rosa tambem ficou.

Carregando a phisionomia, disse:

— Minha mãe devia evitar este quasi isolamento. Demais este primeiro anno, depois do meu grande luto. Mas se ella está em Sezly porque não a levou? Os Gisza são parentes...

— Decerto, não me querem reconhecer como tal, disse Myrto tristemente. Tambem é provavel que hajam lá grande numero de festas, e então prefiro ficar.

— Sempre pensando bem Myrto...

Mas não tinha receio, os Gisza em breve terão outros sentimentos.

— Ah! duvido bastante.

— Tenho a certeza.

Milcza approximou-se de Rosa para a cumprimentar, ficando esta admirada de o vêr.

Depois todos foram para a grande sala.

— Tenciona ouvir a missa da meia noite, Myrto?

— Sim, eu e Rosa contamos ir á capela proxima.

— Irei tambem.

— Faz muito bem, disse ella enco-brindo uma grande alegria.

Ha muitos annos que Milcza não ou-via missa. Talvez esta festa do Natal fosse n'elle o ponto de partida para uma grande mudanca moral.

— Serei um companheiro n'esta vespera de Natal, disse o principe sentando-se. Fique, Rosa! disse elle quando a

viu sahir da sala, poderá continuar a sua leitura.

Reparando no trabalho de Myrto:

— Sempre a mesma, Myrto?... Os pobres, os desgraçados de corpo e d'alma são sempre os seus prediletos! Em Vienna continua as suas visitas de caridade?

— Não tanto como desejava: não as posso fazer sósinha, Tylda é ainda muito nova estamos sempre com trabalhos. Rosa é que me acompanha quando tem algum bocado livre. Felizmente nós pensamos igualmente.

— Qual será a pessoa que não pensa como a menina, disse Rosa.

— Tem razão, Roza, replicou o principe, então Myrto, fica tão corada?! Não estamos a cantar louvores. Que noticias me dá de minha mãe, das minhas irmãs? O seu aspecto Myrto é um pouco palido e triste. Não é verdade, Rosa?

— Tenho tido saude, mas a vida de cidade não é tão saudavel.

— Mas não deve trabalhar muito. Con-te-me o que tem feito.

Um grande interesse lia-se na cara de Milcza. Myrto sentia que elle desejava saber da sua vida e que não eram phrasas banaes.

— Myrto contou-lhe toda a sua vida em Vienna, existencia bem simples e serena.

— Realmente, Myrto, não inveja o modo de pensar das minhas irmãs? e o príncipe olhou fixamente para ella.

— Pode ter a certeza que não. Acho uma vida inutil para todos.

— Mas a sua é algo seria.

— Decerto, disse ella com um sorriso, mas prefiro-a á das suas irmãs.

— Acho pessimo que minhas irmãs tenham uns gostos tão frívolos. Não podem ser companheiras agradaveis para si.

Myrto nada respondeu: o assunto era assaz delicado.

— Continua a dar lição a Renato? Tem maus modos.

— E' sempre muito bom para mim.

— Mas não se aborrece com essas lições?

— Pelo contrario, obtenho certa pratica para mais tarde as dar, quando tiver um aspecto *menos novo*, como diz Nene, disse Myrto semi-risonha e seria.

— Sim nós veremos isso, Myrto... mais tarde, como acabou de dizer.

Rosa, que lançou um olhar para o relógio, disse que eram horas da partida. Myrto e Rosa foram pôr os chapéus e quando desceram encontraram o príncipe já prompto para ir tambem.

A capela proxima fazia parte d'um convento edificado por um antepassado do príncipe Aspad. Por este motivo, os príncipes Milcza tinham sempre o seu lugar especial no côro, junto dos sacerdotes.

Eis que n'essa noite os fieis habitua-dos a frequentarem aquella capela, vi-ram a a ta e elegante figura de Milcza semi-illuminada pelas luzes das velas.

Myrto de joelhos no lugar reservado para a condessa e filhos, rezava uma fervente prece em acção de graças.

Que alegria ella sentia em o ver alli, quando ha tantos annos andava fugindo da igreja.

O aspecto do príncipe, significava uma grande tristeza, ao mesmo tempo que uma alegria religiosa, se misturava no olhar. Olhou para Myrto e os seus labios murmuraram como se ella pudesse ouvir:

— Rese por mim, Myrto, já que o bom Deus a ouve tão bem.

A' sahida junto da pia da agua benta, ambas encontraram o príncipe. Elle deu-lhes agua benta, com um aspecto distincto como pessoa habituada sempre.

Ca fora um velho, rodeado de filhos pedia esmola.

Myrto disse:

— E' um pobre velho que vai t' das semanas receber esmola ao palacio.

Myrto enquanto dizia estas palavras, procurava a bolsa do dinheiro, mas a mão do príncipe tocou-lhe no braço.

— Não se encommode eu dou-lhe a esmola.

Milcza pôz na mão do velho uma moeda de ouro, dizendo:

— Todas as semanas va ao palacio de Milcza.

— Obrigada, por elle, disse Myrto, cheia de emção.

Sou eu que lhe agradeço, Myrto por me ter ensinado a doçura de fazer bem ao nosso proximo.

Quando chegaram a casa, no vestibulo onde as creadas já esperavam o príncipe, este gentilmente tirou a capa que Myrto trazia.

— Pensou na ceia, Myrto?

— Decerto, mas não me atrevia a convida-lo é demasiado simples a lista dos pratos...

— Poderá ter essa *coragem*, aceito, demais já vou sentindo vontade de comer.

No grande salão illuminado, o príncipe encostado ao fogão analysava Myrto que andava atarefada a arranjar a mesa.

Myrto, elegante e simples, offerecia aos olhos de Milcza como uma delicada figura grega, cheia de encanto.

— Myrto, pelo cuidado que está tendo, será uma ceia encantadora.

— Estou fazendo as diligencias, assim tudo saia bem, Terka é sempre tão cuidadosa, e o primo nunca esta satisfeito.

— Eu prometto que d'aqui para o futuro heide ser mais benevolente... Diga-me não acha esse tratamento de *primo*, muito cerimonioso? Não seria melhor Arpad, como com minhas irmãs?

— Mas... não sei... disse Myrto um pouco embaraçada.

— Acho melhor, vamos agora saborear esse chá, que devera estar delicioso.

Em todas aquellas ceias que honve em Budapesth, decerto não se realizou nenhuma com tanta tranquillidade como esta de Myrto. A conversa corria serena, fallando Myrto dos diversos nataes, quando os passava junto de sua mãe, em Nevilly e quando visitava as boas senhoras de Miliou. Fallou-se tambem de Karaly.

— Vejo, boa Myrto que gostou bastante de meu filho...

— Sentindo, bastantes ciúmes, não é verdade?!

— Peço-lhe perdão, Myrto, varias causas havia, depois mais tarde lhe contarei tudo.

Ficaram silenciosos, Rosa a um canto lia e dormia: não comprehendia a lingua magyar em que ambos fallavam. O relógio de bronze dourado deu duas horas.

— Já são duas horas, deve ter vontade de dormir... e a pobre Rosa a dormir.

(Continua)



## Um quadro português?

Mr. Henri Roujon, secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes em Paris, quando, na sua coleção — *Les Peintres Illustres* — dedica um volume da — *Artistic-Bibliothèque* — de Pierre Lafite, aos irmãos Huberto e João Van-Eyck, conta o facto, que se liga com a nossa historia, de Philippe o Bom, Duque de Borgonha, ter enviado a Portugal uma embaixada, a fim de pedir a D. João I. para sua esposa a mão da infante D. Izabel.

Essa embaixada fazia parte o pintor João Van Eyck, moço da camara do Duque, encarregado de, quando concedida a mão da princeza, fazer o retrato d'esta para ser enviado, como foi, ao Duque seu amo.

Deu esta embaixada ingresso em Portugal em janeiro de 1429 e aqui permaneceu com alguma interrupção até outubro do mesmo anno.

Isto pelo que respeita á historia; agora em quanto á actualidade.

Faz o OCCIDENTE a pag. 111 do numero anterior (1396) a artistica reprodução de um quadro — *Crucifixão de Christo* — existente no Museu do Eremitério de S. Peters-Burgo, sem indicação de nome de autor, e a nota que inferiormente se lhe segue termina por escrever — *Ve-se no segundo plano a esquerda do Crucificado o Mestre de Aviz e seus filhos D. Duarte e o infante D. Henrique.*

Não sei o que seria n'esta nossa terra, e nos primeiros arrebois da renascença a arte da pintura sacra, logo no primeiro quartel do seculo XV; e é de crer que o quadro seja contemporaneo em

razão dos retratos que n'elle figuram, certo como é que D. João I. falleceu em 1433 quatro annos apenas depois do casamento de sua filha; e assim bem pode ser aquella obra de arte o resultado da passagem por Portugal do grande pintor flamengo João Van-Eyck um dos corifeus da arte moderna, como o qualifica Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal Popular Illustrada* f. 1.ª ed. vol. 2. pag. 471 e 472, onde conclue por dizer d'elle que atravessando Portugal de passagem, não deixou aqui vestigios profundos.

Revela o quadro n'esta sua reprodução qualidades tão distinctas, está tão movimentado, é tal e tão variada a multidão que o constitue que faz pensar nos agrupamentos do polyptico de Saint-Bavon.

João Van Eyck durante sua permanencia em Portugal, com accesso á côrte, no desempenho da incumbencia de retratar a princeza D. Izabel, devia estar em contacto com o pai e irmãos da noiva; não resultarão d'essa circumstancia os retratos do rei e dos príncipes portuguezes no quadro da crucifixão, e não serão elles uma piedosa e grata reminiscencia do artista, collocando aquelles altos personagens ao lado do coração do redemptor?

Que não seja um Van-Eyck, chezaria ate á Russia a fama de algum pintor portuguez, quando mais proximos estavam os Paizes Baixos, onde primeiro que na Italia e no resto do Occidente da Europa se celebravam os Van-Eyck como precursores da renascença na arte pictural?

Estimaria ver demonstrado para gloria da arte portugueza que os seus pintores, contemporaneos do mestre de Aviz, dos Van-Eyck lá tinham alentos e competencia para trabalhos, de tanta magnitude como a que attesta o quadro que motiva estas ligeiras observações.

Mr. H. Roujon dando a nomenclatura das obras dos Irmãos Van-Eyck não menciona nenhuma Crucifixão nem qualquer outra obra conhecida como produção authentica de João; e referindo-se ao quadro objecto d'estas linhas menciona-o como atribuido por alguns criticos d'arte a este ultimo, assim um ainda mais dous — *Adoração dos Magos* e *Juizo Final* e conclue que tenham embora qualidades de primeira ordem poderão ser obra suas mas que tanto não se pode afirmar.

Será isto bastante para podermos reivindicar para nós a nacionalidade de tal quadro.

S. MATTOS



## NECROLOGIA



Dr. Henrique Schindler

Registramos com sentimento a morte do sr. dr. Henrique Schindler, occorrida no dia 19 deste mez.

Era o sr. dr. Henrique Schindler um illustre sábio medico, membro do Conselho Superior de Higiene e sub-delega o de saúde, exerceu por muitos annos clinica em Lisboa, donde era natural. Contava 55 annos de idade.

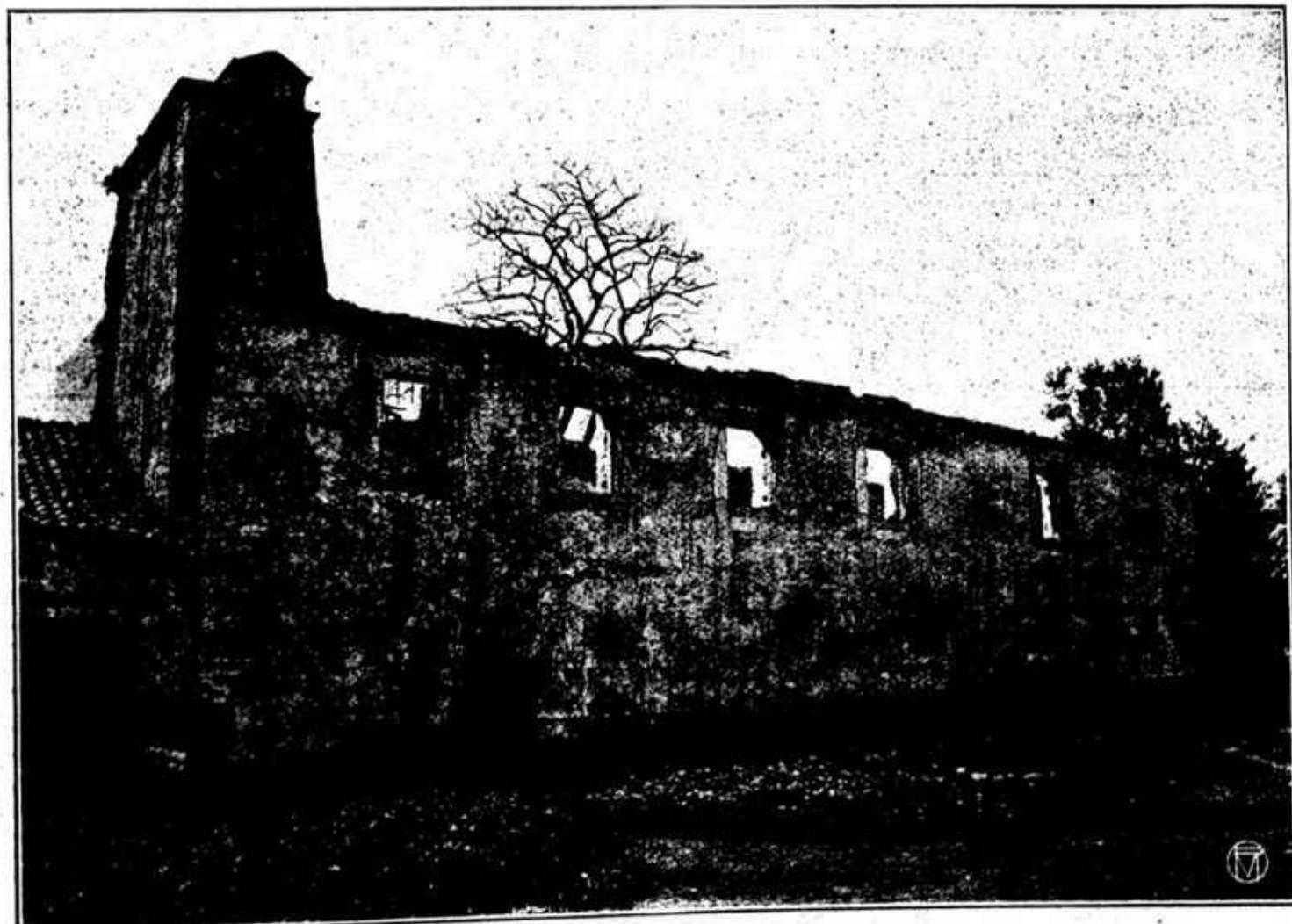
Tomou parte no Congresso de Medicina que reuniu em Lisboa, em 1906. Muito considerado por seu saber entre a classe medica, perdeu esta com a sua morte, um dos seus mais dispostos ornamentos.

O Conselho Superior de Higiene, reunido em 20 deste mez, consignou na acta, por proposta do presidente sr. dr. Ricardo Jorge, um voto de sentimento pela morte do dr. Schindler, justa homenagem prestada á memoria do illustre homem de sciencia.

# Ruínas da Casa de Camillo Castello Branco em "S. Miguel de Seide"



DEPOIS DO INCENDIO — ASPECTO DAS TRAZEIRAS DA CASA



DEPOIS DO INCENDIO — ASPECTO DA FRENTE DA CASA

Aqui nos referimos em o n.º 1304 a casa onde viveu e faleceu o eminente romancista Camillo Castello Branco, a qual foi devorada por violento incendio. Hoje apresentando aos nossos leitores o aspecto das ruínas, arquivamos ao mesmo tempo, nestas paginas, essa reliquia historica, antes que o tempo a faça desaparecer de todo.

# CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

**LARGO DO CALDAS, 1, 2.º**

**Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:**

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciaes. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

**CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS**

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

## TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

**11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12**

\* \* \* \* \* LISBOA \* \* \* \* \*

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



### Preparado

que  
por completo  
tira a caspa

e  
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise  
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID  
Rua Garrett, 112-118

LISBOA

### Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes  
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica  
de Lisboa  
DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças,  
dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

### Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3  
Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico  
em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e solzeas

### Livraria Ingleza

DE  
**M. LEWTAS & TABOADA**

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa, e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios  
para presentes de creanças, livros de estudo  
inglezes para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e  
retratos, vistas das cidades attingidas pela  
Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.  
**Preços limitados**

Grande sortido de papel inglez de luxo e de  
escritorio, jornaes de molas, revistas illustradas,  
havendo um grande saldo a liquidar para 100 reis  
Sortimento de guarda-chuvas, bengalas som-  
brinhas, tudo a preços limitados

**138, R. do Arsenal, 144**

### Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1,500 réis**



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

### CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas, 600 réis

### CAPAS ESPECIAES PARA ENCADENAÇÃO

do « OCCIDENTE »  
Em percalina cõr de castanha e douradas a ouro fino

◆ ◆ ◆ ◆ Cada capa 800 réis ◆ ◆ ◆ ◆  
Capa e encadernação 1,800 réis

**GRAND PRIX**  
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904  
**Xarope Peitoral James**  
Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888,  
Paris 1889, Belem 1893,  
Londres 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.  
Merico contra todas as afecções das or-  
gãos respiratorios, taes como: tosse re-  
belde ou convulsa, ataques asmaticos,  
bronquites agudas ou crônicas. Legal-  
mente autorizado pelo Conselho de Saude  
Publica de Portugal e pela Inspectoria  
Geral d'Hygiene dos E. C. do Brazil.  
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS  
Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS  
PEDRO FRANCO & C.ª  
Rua de Belem, 147 — LISBOA